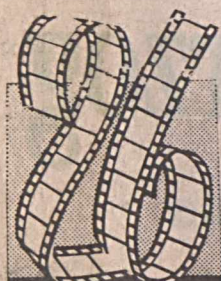


BRASÍLIA A 24 QUADROS

FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO COMEÇA AMANHÃ COM QUATRO REPRESENTANTES DA CIDADE, UM LONGA E TRÊS CURTAS

SEVERINO FRANCISCO

Quatro filmes brasileiros marcarão presença no 26º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que começa amanhã: o longa-metragem *A TV que Virou Estrela de Cinema*, dirigido por Márcio Curi e Yanko del Pino, e os curtas *O Guarda-Linhas*, de Liloye Brigitte, *Rito Krahô*, de Marcos Mendes e Chico Moreira, e *Sendo Assim*, de Ana Cláudia Porto. A *TV que Virou Estrela* tem como uma de suas atrações a interpretação de Wilson Grey, encarnando o nostálgico Super-8, um herói ultrapassado pelos modernos videocassetes domésticos.

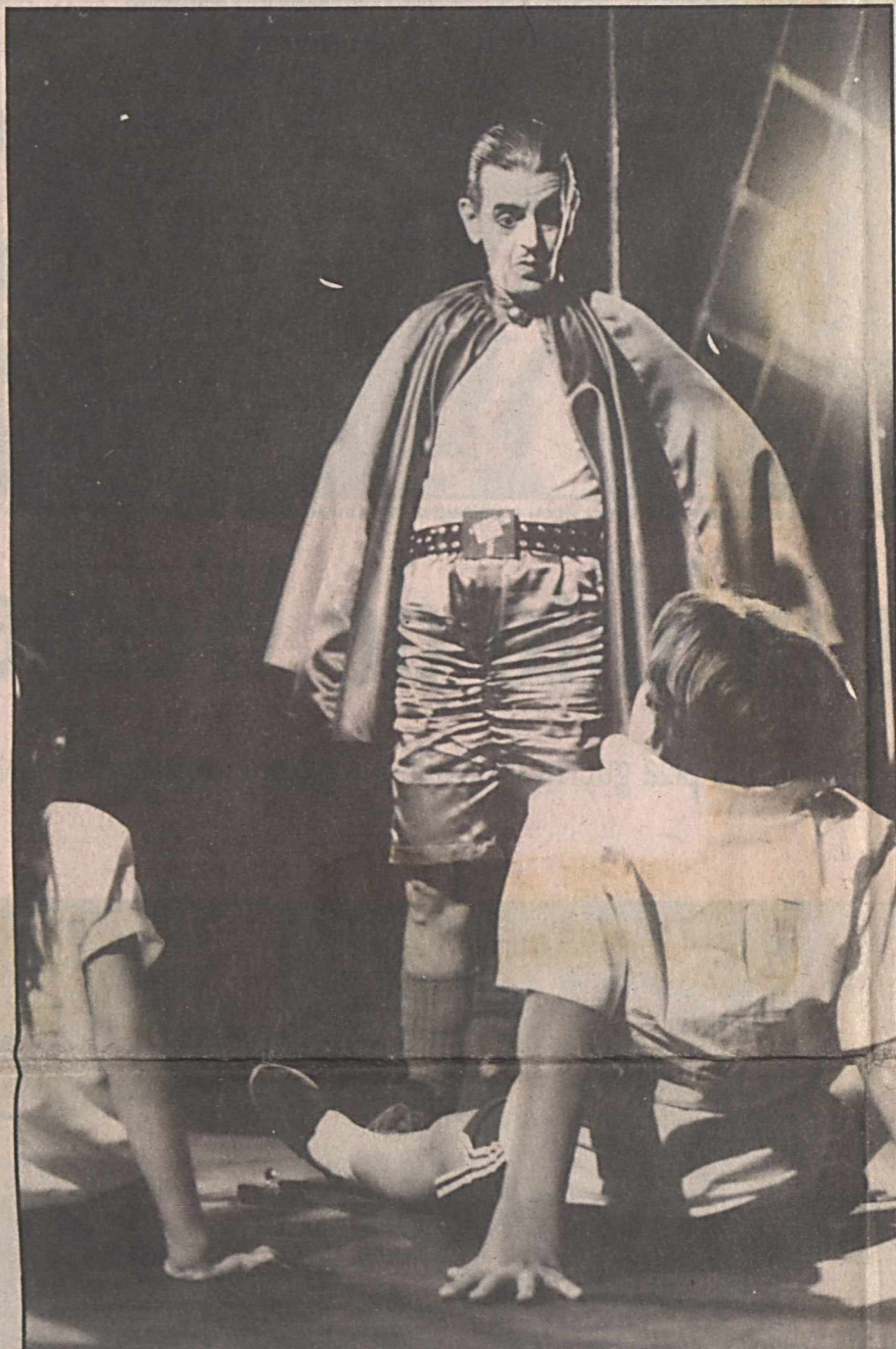


FESTIVAL
DE CINEMA
DE BRASÍLIA

O Guarda-Linhas é uma adaptação do conto *El Guardagujas*, de Juan José Arreola, com Gianfrancesco Guarnieri e Marcelo Picchi, nos papéis principais. *Rito Krahô* (veja box) já ganhou vários prêmios: Melhor Filme Documentário e Melhor Montagem (Jornada de Curta-Metragem de Salvador), Prêmio Ofício Católico Internacional de Cinema e Prêmio Paulo Emílio Salles Gomes para melhor filme antropológico (Secretaria de Cultura de São Paulo). *Sendo Assim* é o primeiro filme de Ana Cláudia Porto, e foi realizado com uma equipe de alunos da Faculdade de Comunicação da UnB.

A história da *TV que Virou Estrela de Cinema* teve o seu primeiro rascunho em um Super-8, realizado por Yanko del Pino no Rio Grande do Sul, em 1985, a partir da adaptação de uma peça de teatro encenada pelo grupo *Doce Adrenalina*. Quem já viu o filme chegou a estabelecer alguns pontos de contato com *A Dança dos Bonecos*, de Helvecio Ratton. Não tanto pela trama, mas pelo jogo entre sonho e realidade. Wilson Grey, na pele de Super-8, tenta ajudar as crianças, interpretadas por Cássio Curi e Bárbara Leite, a salvarem as suas TV da truculência de Rambú, a grande atração do cartel cinematográfico comandado por Mr. Kodaki. A alegria de Rambú é assistir vídeos na TV. E de sua parte, Mr. Kodaki transforma o cinema da violência e pornografia em uma montagem de dólares. Na briga contra Rambú, as crianças têm, ainda, como aliado o Truque, interpretado pelo compositor Beirão.

Efeitos — Em uma das seqüências do filme, as crianças perseguem a TV pela



Um dos últimos trabalhos de Wilson Grey, *A TV que virou estrela de cinema*, mostra Miquêlas (alto, à direita). Já *O Guarda-linhas* reúne os atores Marcelo Picchi e Gianfrancesco Guarnieri

rua, partindo do Guará, seguindo pela feira e chegando até o Parque da Cidade, montados em uma legião de bicicletas e karts. A *TV que Virou Estrela de Cinema* coloca os espaços de Brasília em primeiro plano. E outra atração dos filmes são os efeitos especiais de animação criados por Zé Nobre, Yanko del Pino e Elton Skartazzini. O filme começou a ser rodado em 1987, mas em razão da falta de recursos financeiros, só pôde ser finalizado às vésperas do festival. Cássio Curi e Bárbara Leite eram crianças quando participaram das filmagens e agora já estão saindo da adolescência: "Com todos os problemas, eu acho que um dos méritos de nosso filme é o de estabelecer uma nova relação entre televisão e cinema, comenta Márcio Curi. O filme projeta esta relação como essencial para a cultura visual. O cinema como forma de

expressão e a televisão como espaço de veiculação".

Márcio reconhece que a excessiva demora na finalização do filme prejudicou o impacto que os efeitos de animação provocariam em determinado momento: "A defasagem ocorreu em termos de concepção de imagem, que é muito gráfica. Mas hoje boa parte destas experiências já foi assimilada pela televisão e pela publicidade. Na época em que idealizamos estas experiências, elas seriam novidade. Após a operação desmonte, patrocinada pelo governo Collor, houve um relativo estímulo à produção. Mas as condições do cinema brasileiro permanecem precárias. Nós estamos retomando a produção, mas a televisão continua fechada ao cinema brasileiro", comenta Márcio Curi. O mercado primário das salas de exibição também está desarti-

culado. Então o grande problema do cinema brasileiro é que nós não temos mercado. E é o sucesso de um filme no mercado que viabiliza a continuidade da produção. "Não adiantará nada este esforço para produzir se nós não conquistarmos espaços no mercado".

Floção — *O Guarda-Linhas* foi rodado na cidade de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, no começo do ano. Os dois personagens são interpretados por Gianfrancesco Guarnieri e Marcelo Picchi. Este curta de ficção narra situações dramáticas vivenciadas por um viajante, que chega a uma pequena estação ferroviária vazia e se vê enredado pelas histórias de um guarda-linhas aposentado. Liloye vê como o principal problema para os cineastas de Brasília a ausência de equipamentos para a finalização dos filmes: "O

ideal seria sair daqui apenas para realizar os serviços de laboratório".

Já Ana Cláudia chegou a inscrever *Sendo Assim* no Festival de Brasília do ano passado. Mas não houve condições para concluir o filme, rodado em 16mm, nos tempos em que Ana ainda era aluna da Faculdade de Comunicação da UnB. O filme projeta a história de dois homens que pegam carona e se envolvem em uma sucessão de desencontros, a cada palavra, a cada gesto. Um é urbano, o outro rural, um é falador, o outro silencioso. O filme tem como atores João Antônio e Gê Martu: "É um filme sobre a incomunicabilidade", comenta Ana. "Não acontece nada. É um filme muito simples, clássico, sem nenhuma pretensão de inovar. Era preciso simplificar ao máximo em razão da precariedade das condições de trabalho".

Arquivo



Rito Krahô mostra o dia-a-dia da aldeia de Pedra Branca, em Tocantins, registrado pela lente de Heinz Forthmann

Uma visão alemã da vida indígena

O *Rito Krahô* é o último documentário filmado pelo alemão Heinz Forthmann, ex-professor da Universidade de Brasília, falecido em 1978. Ele rodou este média-metragem em 1971, na aldeia de Pedra Branca, em Tocantins. Mas, em razão de empecilhos burocráticos de produção, nunca conseguiu realizar a finalização de *O Rito Krahô*. Todo o material ficou sob guarda de sua mulher, Rosita Forthmann, que decidiu confiar ao cineasta Marcos Mendes a finalização do filme, que registra o ritual da Tora da Batata Doce (Yotiopi), ligado à fertilidade na colheita. O filme teve a consultoria do antropólogo Júlio Cesar Melatti.

E, além do ritual, Forthmann documentou os usos e

costumes de aspectos da vida cotidiana dos índios Krahô. A estrutura do filme segue a própria cronologia de ações que culmina no rito. Não existe narração através de palavras. O filme é pontuado pelos cantos originais do ritual. Marcos Mendes foi aluno de Forthmann: "Eu considero uma honra poder finalizar este filme. Eu e o Francisco Sérgio Moreira procuramos ser fiéis à poesia de Forthmann. Procurei obedecer a cronologia do rito, mas imprimindo uma situação narrativa. Senão o filme seria apenas um documento e não um documentário".

Marcos acredita que já é possível falar em uma tradição do cinema brasileiro, de que vai de Vladimir Carvalho até as novas gerações que estão se formando na

Universidade de Brasília: "Da mesma maneira que existiu um ciclo do cinema paraibano, iniciado com *Araúnda*, nós temos um ciclo do cinema brasileiro. Apesar de todos os problemas, a Universidade de Brasília permanece sendo um dos centros importantes de formação e produção na cidade. E, agora, temos também o pólo de cinema do DF. Mas acho que o pólo de Brasília deveria constituir um núcleo técnico de produção para a cidade e não apenas repassar verbas para outros estados. Em relação ao cinema brasileiro como um todo, nosso grande problema continua sendo a exibição. Não conseguimos exibir filmes brasileiros na televisão de nosso País. Esta é uma questão de soberania nacional".